

LETRAS APAGADAS

# Gráfica do Senado deixa uma péssima impressão

Parlamentares publicam desde livreto sobre cinema até memórias pessoais



RENATA GIRALDI  
BRASÍLIA

**A**s publicações parecem ter saído de uma editora de reputação duvidosa. Os títulos também são do tipo espanta-leitor: **Barra do Garças no passado – Migalhas de sua história** ou **Livro da Profecia – O Brasil no terceiro milênio**. Em qualquer livraria, ficariam mofando nas estantes. Mas, na gráfica do Senado, fazem a festa dos parlamentares que acreditam ter dotes literários. Com um orçamento generoso de R\$ 180 milhões, a gráfica imprime desde livretos sobre cinema até reminiscências de deputados e senadores.

Boa parte das publicações nada tem a ver com projetos de interesse da população. Algumas nem sequer estão relacionadas à atividade parlamentar. O caso mais recente é a publicação do livreto **Ressurreição do Cinema**, do senador Francelino Pereira (PFL-MG). Nas 55 páginas, ele se derrama em elogios ao filme **Central do Brasil** e à atriz Fernanda Montenegro. “Fernanda não é apenas a primeira atriz brasileira a concorrer à cobiçada estatuetta do Oscar, mas a primeira latino-americana”, escreve o autor.

Por lei, a gráfica destina-se a imprimir publicações sobre as atividades de congressistas e ministros do Tribunal de Contas da União. Cada um tem direito a gastos anuais de até R\$ 7.500, sendo proibido imprimir cartazes, tablóides, folhetins, calendários, cartões de Natal, cadernos ou propaganda eleitoral. Mas o conteúdo editorial passa longe de qualquer tipo de controle.

Não é à toa que o ex-deputado cearense Valdon Varjão mandou publicar um livreto sobre a cidade de Araguaiana (MT), que depois passou a se chamar Barra do Garças. Com 302 páginas, conta a transformação do pequeno município em uma das principais cidades do Mato Grosso. De quebra, o livro traz fotos dos pais de Varjão e de sua mulher, Maria do Rosário.

Para o assessor da Presidência do Senado, Fernando César Mesquita, esse tipo de publicação é permitido pela norma da Casa. “Os parlamentares precisam de espaço para divulgar suas idéias. A imprensa nem sempre se dispõe a isso”, justifica. ■